

## SOMA ZERO<sup>1</sup>

Nicanor Parra

1

A morte não respeita nem aos humoristas de boa cepa  
para ela todas as piadas são ruins  
apesar de ser ela em pessoa  
quem nos ensina a arte de rir  
tomemos o caso de Aristófanes  
ajoelhado em seus próprios joelhos  
rindo-se como um energúmeno nas próprias barbas da Parca:  
em meu poder houvesse economizado vida tão preciosa  
mas a morte não respeita Fulanos  
irá respeitar Beltranos, Sicranos ou Perenganos?

2

Enquanto escrevo a palavra enquanto  
os jornais anunciam o suicídio de Pablo de Rokha  
vale dizer o homicídio de Carlos Díaz Loyola  
perpetrado pelo seu próprio irmão de leite  
em Valladolid, n. 106  
um balaço na boca  
com um Smith & Wesson calibre .44,  
enquanto escrevo a palavra enquanto  
ainda que pareça um pouquinho grandiloquente  
penso morto de raiva  
assim passa a glória do mundo  
sem pena  
    sem glória  
        sem mundo  
sem um miserável sanduíche de mortadela

3

Atuamos como ratos  
em circunstâncias nas quais somos deuses  
bastaria abrir um pouco as asas

---

<sup>1</sup>Tradução e apresentação Virgílio de Mattos.

e pareceríamos seres humanos  
mas preferimos andar de má vontade  
veja-se o caso do pobre Droguett -

Parece que não temos remédio  
Fomos engendrados e paridos por tigres  
Mas nos comportamos como gatos.

**Nota do Tradutor:**

LUTO É LUTA!  
A MORTE DO TIGRE em um mundo de soma zero.

Só mesmo a antipoesia de Nicanor Parra para explicar o momento de perplexidade por mais esta perda, irreparável como todas as perdas que podem ser classificadas na categoria de “para sempre”.

“*Não se esqueçam dos pobres*”, foram as últimas palavras de Dom Luciano Mendes de Almeida em seu derradeiro contato com a família.

Tenho por hábito lembrar os mortos por algum momento marcante da vida deles em minha vida. O de Dom Luciano, dentre os vários momentos em que estivemos próximos, mas sempre do mesmo lado, foi o de uma fala dele, aqui mesmo na Escola Superior Dom Helder Câmara, quando disse que as prisões da potência hegemônica, no usurpado território de Guantánamo, significavam a proximidade do homem com a barbárie.

Em um momento de direito penal do inimigo, quando vemos todas as garantias das revoluções burguesas pulverizadas, em um tempo em que a opressão da expansão do império dispara intolerâncias de todo o gênero, dizimando Beirute e todo o Líbano, exemplificativamente, em uma *jihad* na qual só o diabo é quem pode rir, é que gente como Dom Luciano faz mais falta.

Dom Luciano, quando condenava veementemente a barbárie das prisões do Império, deixava no ar uma mensagem perene: não se esqueçam dos pobres. Era como se advertisse: “não se esqueçam dos alvos de sempre, essa gente pobre!”

Dom Luciano lembrava mesmo um tigre, em um mundo de lamentáveis gatos.

Exemplo. Deixa além de saudades, o exemplo.  
Luto é luta! A ele dedicamos este número  
de VEREDAS DO DIREITO.